

Nunca Li Manoel de Barros

Depois da partida, sempre depois,
Podemos confessar e eu confesso
Que nunca li Manoel de Barros
Nunca entrei em seus livros

Sempre fiquei preambulando
Em volta dos versos e dos pós
E nunca, jamais, das pré-coisas
Imersas nas metáforas pantaneiras...

Quando o mar pantanal se criou
O poeta já estava de butuca
Lápis de graveto e papel borboleta

- O livro passeia pela paisagem
E nada como peixinho em águas
A poesia sem retórica universalista.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/nunca-li-manoel-de-barros>